

Dias de finados

(Continuação da pág. 3)

Nota Histórica

Depois de ter cantado a glória e a felicidade dos Santos que «gozam em Deus a serenidade da vida imortal», a Liturgia, desde o início do século XI, consagra este dia à memória dos fiéis defuntos.

É uma continuação lógica da festa de Todos os Santos. Se nos limitássemos a lembrar os nossos irmãos Santos, a Comunhão de todos os crentes em Cristo não seria perfeita. Quer os fiéis que vivem na glória, quer os que vivem na purificação, preparando-se para a visão de Deus, são todos membros de Cristo pelo Baptismo. Continuam todos unidos a nós. A Igreja peregrina não podia, por isso, ao celebrar a Igreja da glória, esquecer a Igreja que se purifica no Purgatório.

É certo que a Igreja, todos os dias, na Missa, ao tornar sacramentalmente presente o Mistério Pascal, lembra «aqueles que nos precederam com o sinal da fé e dormem agora o sono da paz» (Prece Eucarística 1). Mas, neste dia, essa recordação é mais profunda e viva.

O Dia de Fiéis Defuntos não é dia de luto e tristeza. É dia de mais íntima comunhão com aqueles que «não perdemos, porque simplesmente os mandámos à frente» (S. Cipriano). É dia de esperança, porque sabemos que os nossos irmãos ressurgirão em Cristo para uma vida nova. É, sobretudo, dia de oração, que se revestirá da maior eficácia, se a unirmos ao Sacrifício de reconciliação, a Missa.

No Sacrifício da Missa, com efeito, o Sangue de Cristo lavar as culpas e alcançará a misericórdia de Deus para os nossos irmãos que adormeceram na paz com Ele, de modo que, acabada a Sua purificação, sejam admitidos no Seu Reino.

Tradição das crianças

A tradição diz que, em Portugal, no dia de Todos os Santos, as crianças saem à rua

e juntam-se em pequenos grupos para pedir o «Pão por Deus» de porta em porta. Em tempos, as crianças quando pediam o «Pão por Deus» recitavam versos e recebiam como oferenda pão, broas, bolos, romãs e frutos secos, nozes, amêndoas ou castanhas, que colocavam dentro dos seus sacos de pano. É costume em algumas regiões os padrinhos oferecerem um bolo, o Santoro. Em algumas povoações chama-se a este dia o 'Dia dos Bolinhos'.

Halloween

A festa de «Halloween» chegou dos Estados Unidos da América, agora muito celebrada também na Europa e assinala-se no dia 31 de Outubro.

A comemoração veio dos antigos povos bárbaros Celtas, que habitavam a Grã-Bretanha há mais de 2000 anos. Os Celtas realizavam a colheita nessa época do ano, e, segundo um antigo ritual, para eles os espíritos das pessoas mortas voltariam à Terra durante a noite, e queriam, entre outras coisas, alimentar-se e assustar as pessoas. Então, os Celtas costumavam vestir-se com máscaras assustadoras para afastar estes espíritos.

Esse episódio era conhecido como o «Samhain». Com o passar do tempo, os cristãos chegaram à Grã-Bretanha, converteram os Celtas e outros povos da Ilha e a Igreja Católica transformou este ritual pagão, numa festa religiosa, passando a ser celebrada nesta mesma época e, ao invés de honrar espíritos e forças ocultas, o povo recém catequizado, deveria honrar os santos.

A tradição entre estes povos continuou, e além de celebrarem o Dia de Todos os Santos, os não convertidos ao Cristianismo celebravam também a noite da véspera do Dia de Todos os Santos com as máscaras assustadoras e com comida. A noite era chamada de «All Hallowes Evening», abreviando-se, veio o Halloween.

Filipe Aquino

PARÓQUIA VIVA

N.º 398 – 01/11/2008

Boletim Litúrgico-informativo • Senhor do Socorro - Viana do Castelo

Telefone: 258 83 50 86 / 258 80 67 56 / Telemóvel: 93 63 22 123 / Fax: 258 80 67 59

E-mail: paroquiasocorro@sapo.pt / Web: paroquiasocorro.no.sapo.pt • Sai todos os Domingos e Dias Santificados



Todos os Santos – Ano A



reino dos Céus.» (Evangelho)

«vi uma multidão imensa, que ninguém podia contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas. Estavam de pé, diante do trono e na presença do Cordeiro» (1.ª leitura); «Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o

Dias de finados

A Igreja propõe neste primeiro dia de Novembro, a celebração de Todos os Santos. Um convite à «universal vocação à santidade», explica à Agência ECCLESIA o Pe. João Silva Peixoto, Professor da Faculdade de Teologia e membro do Secretariado de Liturgia da diocese do Porto.

Olhando os textos litúrgicos «apresenta-se uma trilogia. É-nos apresentada uma igreja santa, são apresentados todos os santos da Igreja, e, também nós, somos chamados a ser santos».

No entanto, «tenho dúvidas que neste dia 1 de Novembro, a grande maioria dos fiéis, mesmo os praticantes, pensem na vocação à santidade, no sentido a dar à sua vida que é o da felicidade e das bem-aventuranças», exprime o sacerdote.

A força da religiosidade popular «acaba por ser avassaladora» e a maioria dos fiéis, antecipa a comemoração dos fiéis defuntos, que tem o seu dia próprio a 2 de Novembro. O Pe. João Peixoto acredita que a valorização dos fiéis defuntos, e, nomeadamente, a ida aos cemitérios, para visitar as pessoas já falecidas e compor as sepulturas, «foi antecipada pelo facto de o dia 1 de Novembro ser feriado nacional e o dia 2 não o ser».

Em passados não remotos «não seria assim, mas a evolução sociológica, acabou por determinar a sobreposição das duas celebrações (Todos os Santos e Fiéis Defuntos) e, no espírito das pessoas, a predominância da segunda». Acaba por ser uma «adaptação à sociedade laica», manifesta o sacerdote.

«Há uma grande motivação afectiva dos fiéis defuntos», aponta o sacerdote. «É muito forte e muito viva, enquanto a celebração da vocação à santidade, é diária e mais difusa». Nestes dias «sente-se mais intensamente a saudade dos entes queridos, que se quer celebrar numa perspectiva de comunhão e de esperança».

O Pe. João Peixoto aponta a necessidade de aproximar o exemplo dos santos da vida normal das pessoas. «Verdadeiramente santo é Deus, que não ficou na sua distância, mas veio ao encontro das pessoas, para que a santidade fosse a realidade mais humana, mais sentida e vivida pelas pessoas».

(Continua na pág. 3)

Solenidade de Todos os Santos – Ano A

LITURGIA DA PALAVRA

1.^a leitura: Apoc. 7, 2-4.9-14

2.^a leitura: 1 Jo 3, 1-3

Evangelho: Mt 5, 1-12

- Os caminhos da santidade -

Em cerca de vinte anos, o panorama rodoviário do nosso País mudou radicalmente. À melhoria das estradas foram acrescentadas as Auto-estradas, os IP's e os IC's, fazendo recuar os caminhos de terra batida, as calçadas e estradas esburacadas para zonas quase desabitadas, procuradas pelos amantes de desportos radicais.

Não acontece outro tanto com as estradas das nossas vidas, embora esse fosse o nosso maior desejo. Aqui continuam os caminhos sinuosos e íngremes, a poeira da terra batida, os buracos, desencantos e frustrações, enfim, complicações e dificuldades de toda a sorte.

Curiosamente, os caminhos da santidade estão muito mais próximos das estradas da vida real que das auto-estradas rodoviárias: “esforçai-vos por entrar pela porta estreita”, conversão, renúncia, pobreza, mansidão, pureza de coração... são os sinais de trânsito que aparecem na viagem da santidade.

Que falta, então, aos caminhos da nossa vida para se tornarem caminhos de santidade?

Pouco e muito! Na bagagem que devemos levar não pode faltar a persistência para nunca desistir, o pão da Palavra e o pão da Eucaristia e a companhia d'Aquele que pode transformar os caminhos de Emaús em caminhos de ressurreição, isto é, de santidade.

É disso que nos falam os textos de hoje: os Santos não nasceram santos, nem andaram sobre as nuvens – trilharam caminhos de vida como os nossos, iluminados pela certeza de que “ainda não se manifestou o que havemos de ser”; também se sujaram, a ponto de precisarem de lavar as suas “vestes no sangue do Cordeiro”; souberam abastecer o seu farnel com “o pão da vida”.

A solenidade de hoje recorda-nos também que não vamos sozinhos, que não somos os únicos viajantes nos caminhos da santidade: muitos já chegaram à meta e muitos outros vão connosco a caminho. Ajudem-nos e apoiemo-nos uns aos outros!

Neste Ano Paulino, procuremos familiarizar-nos mais com esta santidade, a verdadeira, para que o mundo nela tropece, nas esquinas das ruas, nos bares, nos escritórios, nas oficinas, nas fábricas, nos hospitais, em todo o lugar onde cristãos houver.

P. José de Castro Oliveira

Dias de finados

(Continuação da pág. 1)

Esta vocação é diária e “deve, diariamente ser acolhida, enquanto graça de Deus”. O Pe. João Peixoto aponta que se vivem “tempos de martírio em algumas regiões, e esses acontecimentos mostram que não é necessário subir até aos espaços celestiais para encontrar a santidade, mas é aqui que devemos viver as bem-aventuranças”.

Uma prática do dia de Todos os Santos é a prática da caridade, visível na tradição de pedir o «Pão por Deus». Uma tradição que os centros urbanos vão esquecendo, mas que as crianças, nas localidades mais pequenas, anseiam.

“Esta é uma tradição de religiosidade popular ligada, sim, ao culto dos mortos, à refeição que, idealmente, se partilhava com os fiéis defuntos e a comunidade dos vivos”. O sacerdote aponta a partilha, presente, ainda, em alguns lugares, no dia do funeral e que persistiu em algumas regiões, neste período de Todos os Santos e fiéis defuntos.

Entre as tradições e a proposta da Igreja, a mensagem a reter neste dia de Todos os Santos é que “a felicidade é possível, tomando como exemplos, homens e mulheres que viveram antes. A felicidade é possível e está ao nosso alcance, se acolhermos a graça de Deus, respondendo aos seus apelos”.

1 de Novembro, Dia de Todos os Santos

«Os Santos, tendo atingido pela multiforme graça de Deus a perfeição e alcançado a salvação eterna, cantam hoje a Deus no Céu, o louvor perfeito e intercedem por nós.

A Igreja proclama o mistério pascal, realizado na paixão e glorificação deles com Cristo, propõe aos fiéis os seus exemplos, que conduzem os homens ao Pai por Cristo; e implora, pelos seus méritos, as bênçãos de Deus.

Segundo a sua tradição, a Igreja venera os Santos e as suas relíquias autênticas, bem como as suas imagens. É que as festas dos Santos proclamam as grandes obras de Cristo nos Seus servos e oferecem aos fiéis os bons exemplos a imitar» (Constituição Litúrgica, n.º 104 e 111).

(Continua na pág. 4)

Bento XVI: Orgulho divide a sociedade

Bento XVI encontrou-se com os estudantes das Universidades Pontifícias de Roma para, no início do ano lectivo, incentivar os alunos e professores a procurarem a “sabedoria do espírito”.

Num discurso que recordava o testemunho de Paulo, Bento XVI afirmou que a falsa sabedoria e o orgulho “dividem a comunidade”. À semelhança das primeiras comunidades, também a falsa sabedoria “gera discórdias na Igreja e, analogamente, na sociedade”.

A sabedoria de Deus “é diferente da sabedoria do mundo. Esta contraposição não se reduz a identificar a diferença entre a teologia e a ciência. Trata-se, antes de atitudes fundamentais”. A sabedoria do mundo, afirmou o Papa, indica o modo de viver e de ver, prescindindo de Deus, “vivendo segundo as opiniões dominantes, segundo os critérios de sucesso e poder. A sabedoria de Deus, consiste em seguiu a mente de Cristo”.

Recordando a própria experiência, “Paulo dizia que Cristo o enviou para proclamar o Evangelho não com sabedoria de palavras”. Bento XVI pediu o “cultivo da sabedoria não segundo a carne, mas sim, segundo o Espírito”.

Dirigindo-se à comunidade académica, o Papa referiu que o seu encontro tem por objetivo “aprofundar os vossos conhecimentos no campo teológico e também estudar as várias matérias de teologia, como o direito, a história, as ciências humanas. Mas para conhecer e compreender o espírito tem de se ser, também, espiritual”. “O veneno da falsa sabedoria é o orgulho humano. Não é a consciência de se fazer mal, mas a presunção de se conhecer”, sublinhou.

Bento XVI pediu para se “cultivar a sabedoria, não a partir da carne, mas segundo o Espírito. E a carne não implica o lado carnal, mas o viver no mundo segundo apenas os critérios do mundo”. O Papa disse ainda ser “importante purificar o coração do veneno do orgulho. O pensamento que recebemos de Cristo purifica-se da falsa sabedoria. E este pensamento de Cristo é acolhido através da Igreja e na Igreja e que nos é passada através da tradição”.